

UFPR – EDUCAÇÃO DE CAMPO

POLO DE CRUZEIRO DO OESTE

ALUNA: MARISA NAVARRO

TRABALHO CIENTIFICO: Educação do Campo na matemática

ORIENTADORA: CECILIA MARIA Ghedinii

A EXPERIÊNCIA DOCENTE E A EDUCAÇÃO NO CAMPO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Marisa Navarro

RESUMO

O presente Trabalho Científico tem como foco relatar minha experiência como camponesa e professora do campo, destacando conhecimentos adquiridos na matemática e projetos. Os mais importantes na questão do campo é a relação das famílias que ali vivem, o desenvolvimento alterou suas vidas, crescendo com os aprendizados. Hoje, filhos e proprietários na maioria administram sua propriedade da cidade, os valores culturais, sociais, éticos e morais foram questionados e alterados, mudanças regime da monocultura para o agronegócio, inserção dos maquinários, tecnologias, geração de empregos, industrialização e exportação, me adaptei a realidade, aplicando meus conhecimentos no sítio. O professor deve rever os conteúdos da escola do campo. A educação rural foi uma das primeiras formas que as famílias poderiam contar, já vivem uma proposta de Educação do Campo condizente as suas necessidades, auxiliando a progredir, participar e ser mais ativo na sociedade sem ferir sua integridade e opções.

PALAVRAS CHAVE: Educação do campo. Experiência. Educação Rural. Trabalho do Campo.

1. CONTEXTO

Na época que nos estabelecemos na cidade de Cruzeiro do Oeste era aproximadamente em 1957, a população era formada por italianos, espanhóis, portugueses, alemães, poloneses, sírios libaneses e japoneses e por migrantes vindos de todas as partes do país, a procura de terras devido ao solo fértil para plantação do café. Havia também muita luta pelas terras e até mortes com os ricos fazendeiros e capangas.

Meus pais são de família simples e sempre viveu da agropecuária, leite, café e agora também do aviário. Fui criada com recursos financeiros dos benefícios de nossa propriedade, de maneira simples, alegre, não me sentindo discriminada ou me importando com a caracterização das pessoas quanto a mim ou minha família, devido à maneira do meu vestir, alimentação e habitat.

Quando pequena estudava na escolinha do sítio, numa estradinha na boca do sítio, como dizia papai, ele nos levava até a escola, íamos bem limpinha, simples com as roupinhas que mamãe fazia, retalhos que ganhava como costureira, lembro-me que nos empeticava como podia, era admirada mesmo na simplicidade pelo seu capricho, lanchinho de pão feito em casa, suco de groselha que eu adorava ou leite numa sacolinha, lá nos ia...

Quando terminamos o primário pegávamos o ônibus para cidade estudar na Escola Estadual de Cruzeiro do Oeste. Logo que se passaram dois anos, já ficávamos na cidade, estudava e só voltávamos para a outra casa no sítio, nos finais de semana.

Realmente era gostoso nos reunirmos em nossas tarefas de casas, domésticas e até alguma ajudinha no carpir e limpeza do pátio, aprendi que na sociedade que vivemos, pode deixar marcas, conservar as características, não perder a identidade pessoal, é só lutar e deixar claro seus objetivos e metas a serem alcançadas.

Além das atividades de casa, aprendi muito com meus pais, que incentivavam a nossa estadia de permanência nas terras e uma maneira de mantê-las em conservação, nos estimulavam a estudar adquirir conhecimentos essenciais e diferenciados para enfrentarmos e resolvermos os problemas apresentados no nosso cotidiano, assim lutava com nossa cultura, etnia, e os aspectos questionados pelos demais educandos, que encontrava nas escolas estaduais da cidade que me confrontava com uma realidade diferenciada. A discriminação era percebida pelas piadinhas feitas a respeito da maneira como nos vestíamos, a conversação um

pouco atrasada e caipira, a maneira tímida, ressabiada e até às vezes mesmo desastradas no comportamento de exposição dos trabalhos.

Aprendi que tinha que me fazer valer, não ligar para os fatos e incoerências e sim enfrentá-los com meus argumentos, pois como afirmei, meus pais ensinavam que devíamos nos fazer respeitar como somos a nós e ao outrem, éramos educados de uma maneira simplória, mas direta e clara, onde em nosso ser retratava a imagem de nossas escolhas e dos ensinamentos e apoio de papai e mamãe que nos motivava a sermos felizes mesmo quando sofríamos algumas diversidades e diferenças, sem parar por isto, mas fazer a diferença.

Não deixar a terra que vivia, ou dela extrair seus recursos para a sobrevivência é uma luta que enfrentava e enfrento constantemente, mas é definição eficaz de uma meta pessoal estabelecida por mim, quando resolvi fazer faculdade na cidade vizinha com o apoio e auxílio de meus pais.

Foi tudo um processo seqüencial, que eu segui com esmero e dedicação, tentando agradar os meus pais, que lutavam para me ver vencer, e eles próprios que também estudaram. (Nesta época já morávamos na cidade, todos juntos, e tínhamos uma casa também no sítio).

Sempre tive vontade de me estabelecer e sobreviver dos recursos oferecidos na nossa propriedade rural, eu e minhas irmãs fizemos cursos de empreendedor, alguns no sindicato rural, para desenvolver e aplicar novas técnicas em nossa propriedade, no intuito de colaborar e contribuir tanto para nosso crescimento econômico, como social, pré estabelecendo relações entre a comunidade e nosso patrimônio.

O meu Projeto era e é a valorização do homem do campo, mesmo buscando recursos na vida urbana, adquiri conhecimentos e recursos para aplicar a outros educando como professora.

Quando se trata de seguir um caminho planejado, um desejo de coração, ou projeto para vivência, independente de qual seja, sempre tive apoio dos meus familiares, não precisei como eles abandonar os estudos para ajudar seus pais na roça, apesar de que meus pais estudaram depois dos cinquenta anos de idade, fazendo até uma faculdade, meu pai estudou Direito e minha mãe o Ensino Médio, minhas irmãs o curso de Direito e exercem a profissão de advogada, tudo com o trabalho do sítio.

Quando estudamos no campo havia a escolinha rural onde todas as séries do

primário funcionavam juntas, dali se aprendia a divisão, as letrinhas e conhecimentos gerais. A escola era adaptada com conteúdos relacionados ao campo na prática e os teóricos estabelecidos pelos currículos escolares, havia uma aprendizagem consciente e surgimento de oportunidades, pois ali nascia o prévio conhecimento dos nossos deveres e direitos, que deveriam ser iguais perante todos, nestes conteúdos básicos estava inserido sempre uma preocupação dos educadores a atingirem com dignidade e respeito à qualidade de ensino direcionada a comunidade.

Lecionei em Escola particular e Estadual, Escolinha de pré, e o antigo estudo primário, na Escola Estadual Nísia Floresta e Escola Estadual Tasso da Silveira em Cruzeiro do Oeste - Paraná, mini-ginásio, Escola Estadual Almirante Tamandaré, algumas aulas particulares, em cursos do SENAC e em empresas estaduais.

Acredito que investir, procurar e compreender a importância do conhecimento nos torna sábia e direcionada aos nossos objetivos de maneira clara, tranqüila e eficaz. A aplicação prática o resultado de um aprendizado que traz frutos, objeto das pesquisas e acareação dos nossos recursos adquiridos.

A vida que escolhi profissionalmente também está ligada à zona rural, pois foi nela que nasci, cresci e é nela que vivo com minha família e desenvolvo minhas atividades como professoras atualmente, atendendo alguns idosos que não tiveram oportunidade de estudo, porque era longe, ou precisavam trabalhar para ajudar em casa, leciono também na vila urbana.

Nisto me realizo, pois estudo e me emprego na educação no campo, pois durante esse tempo mantenho-me atenta às mudanças ocorridas nas escolas, procuro entender as práticas sociais e econômicas experimentadas no cotidiano da população rural, sempre acompanhando e relacionando os meios urbanos e rurais.

No processo de anos de carreira no plano escolar, lecionei para idosos que não tiveram oportunidade em sua época, no DER-Departamento de Estrada de Rodagem – EJA. Pessoal que vivia no sítio e trabalhavam neste órgão, também com alfabetização na Vila Rural de Cruzeiro do Oeste, onde houve trocas de experiências de vida com aposentados que ainda estavam ativos no trabalho doméstico e rural.

É impressionante como o pessoal da roça, tem experiências concretas de vida, como lutam e encaram com simplicidade, honestidade, disciplina as condições oferecidas e conseguidas no seu dia a dia, sendo de um otimismo contagiante, independente das adversidades que se apresentam em sua vida.

Mostrar-lhe conteúdos, aplicar metodologia, análise e até mesmo questionamento na área da Matemática, tornou-se para mim um desafio, pois os educandos, mesmo sem muito conhecimento, têm gosto por saber, fazem raciocínio fácil com a Matemática, pois os seus controles de gastos e investimentos são realizados de maneira simples, pois aprenderam sozinhos os cálculos para sua sobrevivência, efetuando-os automaticamente de acordo com a necessidade e o ganho.

Depois da faculdade trabalhei em órgãos públicos e lecionei também para o povo rural, foi gratificante e colaborei para planos de carreira dos mesmos, como também para muitas realizações pessoais.

Em escolas estaduais de Ensino Fundamental em bairros onde freqüentavam filhos de famílias do campo como em São Silvestre e Santa Olga, na escola do Magistério e estadual, Ensino Fundamental e Médio em Cruzeiro do Oeste. Lecionei ainda em Umuarama como professora de Ciências, Matemática e Física nos colégios estaduais de periferia onde são integrados também alunos da vila rural.

Quanto a trabalhar com a Matemática, Ciências e Física implica em relacionar sempre a sua realidade e os recursos existentes, na realidade a vida é uma Matemática, o ontem, hoje e o amanhã podem ser resultados de uma probabilidade, de uma suposição, de uma exatidão, de um planejamento ou até de dados existentes a nossa frente, como material concreto.

No meu caso, como a realidade do educando é o campo em que se podem trabalhar questões de porcentagem, cálculos de custo de produção, probabilidade, gráficos, tabelas e outros, se possível associar as outras disciplinas, trabalhando conjugado ou em equipes de professores, aproveitando no máximo as atividades e os recursos apresentados no campo.

Atualmente o ensinamento ao educando do campo, mesmo nas escolas estaduais muitas vezes são tratados pelos coleguinhos ditos “moderninhos” na vida urbana, e como “caipirinha” na vida rural. Sempre procurei não fazer diferenciação, pois também já passei por tal experiência, é destimulante e agressivo tal observação na escola.

Observo que também educando adultos foi muito discriminada, como uma senhora nossa aluna comentou que seus filhos, achavam que nunca iria aprender, até que ela mesma, escondida, passou a estudar à tarde na escola rural. Estimulei-a observar as escritas até em sua lista de compras, perguntei e questionei quantas

vezes em sua vida viu a palavra café e as mercadorias que consumia no mercado e em sua casa, sobre a quantidade em receitas, controle de gastos com seus familiares, compra de roupas e outros. Nestes questionamentos me surpreendi e a surpreendi também, pois comentou que em tantos anos, nunca teve a curiosidade de fazer ou escrever estas relações nem automaticamente, e que faria, pois seu desejo de aprender estava ainda vivo dentro dela e se realizaria se tal fato se concretizasse. Questões quanto à moradia, seus usos e costumes, necessidades, gastos, investimentos, paz, recursos do meio ambiente e paisagens, ração, leite, plantio e outros, quantas experiências da educanda no fazer e como fazer na adubação, colheita e outros.

Por tudo isto decidi fazer uma pós em Educação no Campo, no intuito de colaborar e aprender um pouco mais sobre a vida de outras pessoas do campo e no campo, trocarem algumas experiências com outros que também participariam do fórum ou pessoalmente, também não posso negar que interesse na inserção de uma Pós na área de Educação no meu currículo escolar, me auxiliando na progressão de função como professora.

2. Reflexão sobre os temas analisados a partir do Curso

2.1. Desenvolvimento do campo e história das famílias

O importante é o homem do campo estar inserido em sua realidade tanto no contexto escolar, como em suas ações cotidianas. Desde os tempos coloniais há um trabalho escuso do homem do campo, que participava de sua maneira com a comunidade, oferecendo produtos até abaixo do custo, serviços de mão de obra braçal e familiar, ressaltando que geralmente o pequeno produtor tinha menos oportunidade, pois lhe faltava recursos, mas a história mostra que sua cultura era conservada e muitos ainda a valorizam.

A contribuição do homem do campo é notada na sua dedicação a terra, pecuária e agricultura. Muitas vezes as crianças do campo aprendem a cultura urbana, mas as urbanas não tomam conhecimento da realidade do campo, as diferenças devem ser revistas nas escolas, para melhor atendimento aos educandos.

Saber que o desenvolvimento vem somar para a resolução de suas

necessidades e problemas, facilitando a tomada de ações exigidas tanto no profissionalismo, como em relação à tecnologia que invade o meio rural, ocasionando muitas vezes surpresa ao agricultor que tinha o costume de resolver tudo do seu “jeitinho brasileiro”, confiante nos seus métodos antigos, ver que o maquinário é equipado para efetuar a mão de obra de muitos empregados. É um caso sério para o agricultor, acostumado com a agropecuária familiar e tomar decisões entre o grupo apenas.

A realidade é que o homem do campo viu-se obrigado a acompanhar os avanços e fazer parte deles, pois também percebe que para o desenvolvimento de seu município, tem que contribuir e colaborar para a eficiência dos serviços apresentados em sua propriedade na agropecuária e outros. O agronegócio vem proporcionar geração de emprego, pois na realidade o homem do campo no geral também modificou sua vida. Tem que dar passos para uma realidade bem presente e participar do meio que vive, penso que morar no campo não é mais um desafio ao proprietário, ou aos seus filhos, a maioria das pessoas do campo mora na cidade e administram a propriedade indo e vindo à vida rural, mesmo que haja maiores recursos como a luz elétrica, água, recursos tecnológicos para o trabalho na agricultura ou na pecuária, como maquinários diversificados apresentados como facilitadores do serviço.

Antigamente o serviço do homem do campo era muito, mas havia mais fartura também, época do café, onde até eu pude levar uma vida mais afortunada e de mordomias, meus familiares investiram em mais terra e no nosso estudo, hoje, há maior dificuldade, a renda ficou menor, a atividade agropecuária diminuiu, ficou mais difícil, até alguns benefícios do governo foram retirados.

Apesar da cultura conservada pelo homem do campo ser até tradicionalista e perseverante pelos antigos moradores que sentem saudades da boa colheita de café, da fartura dos alimentos plantados em hortas e pomares, pelas festas de bairro religiosas e comemorativas.

Os filhos de hoje querem conservar as propriedades, mas não querem residir nela, entrando em choque com seus familiares, que faziam da terra um meio de sobrevivência convencional, oportuno e prazeroso.

Afinal o desenvolvimento chegou, abraçou o homem do campo, viu sua cultura, seus valores, sua técnica no avanço da tecnologia não lhe deu espaço e sim o atropelou, sem ao menos deixar resíduos ou marcas, confiscando-o para que tome

decisões e se empreenda na nova fase de modernização, como a industrialização o comércio e a exportação dos produtos do campo.

Na realidade não há troca de valores, há um somar, um crescimento, uma facilitação para o desempenho das atividades rurais, nisto também o surgimento de conhecimento que causa reflexões e decisões mais seguras sobre a vida no campo, devolvendo até a auto-estima, pois é ocasião de mudanças e transformações pessoais e sociais, onde há motivação para continuar.

2. 2. Educação Rural e mudanças da Educação do Campo

Na educação adquirida por mim na Pós de Educação do Campo, posso mostrar um aprendizado que me faz compreender verdadeiramente como é o viver no campo, e meu desejo é usar este aprendizado no meu campo profissional, aproximando cada dia mais da realidade prevista, o como vive uma pessoa inserida no meio rural, sem a classificação diferenciada, valorizando e respeitando sempre as suas escolhas, no intuito de melhoria e valorização de sua cultura e valores sociais adquiridos tanto no processo de formação herdado como de suas escolhas.

Como professora de Matemática sempre procurou envolver, usar e aprimorar os recursos do próprio campo, utilizando para isto a Matemática, questões que envolvam proporção, tabelas, gráficos, porcentagens e outros. A precisão de fato para encontrar alternativas que nos facilitem a adaptação de conteúdos da teoria à prática do educando do campo, para fortalecer sua identidade, valorizando sua cultura e características escolhidas e herdadas.

Na escola do campo que estudei as disciplinas e currículos eram voltados de maneira a atender de acordo com as necessidades do local do campo, não inibindo, nem discriminando, muito pelo contrário, valorizava a cada educando que tomava parte do processo de ensino na escolinha rural, rica de experiências, companheirismo e colaboração entre professor, pais e educandos. Muitas vezes até afastando e poupando os problemas das grandes cidades ou metrópole, mas ensinando no conjunto a todos com igualdade como participarmos do contexto que nos envolvíamos.

Hoje há mudanças dos conceitos antigos, a modernidade tomou conta também do campo, procuramos com a tecnologia facilitar o trabalho do agricultor, como também a realização pessoal de poder ter ações que concretize a realização

de nossos objetivos, sem fugir do foco de nossa localidade, resolvendo com esta ajuda nossos problemas.

Antigamente era diferente, o homem do campo não sofria a influência da monocultura, pois produzia arroz, algodão, café, milho, feijão, entre outros, havia produtividade e comprometimento entre as pessoas, se respeitavam e se empenhavam no trabalho contínuo, com prazer e disponibilidade, de acordo com as necessidades. Plantavam para seu consumo e para sua renda, se disponibilizando a vendas de verduras, frutas, queijo, frangos e outros produtos da terra, como dizem: sem preguiça, com satisfação negociavam seus produtos, cultivados muitas vezes manualmente.

Meu empenho com os cursos que realizo é sempre favorecer, enriquecer objetos de pesquisas e experiências associadas ao homem do campo, no intuito de colaboração a comunidade e benefício também próprio de rentabilidade econômica, como para meu crescimento profissional, pois muitas vezes ficamos bitolados a nossa própria realidade e não olhamos ao nosso redor, com o estudo há mudanças e transformação sólida que são aplicáveis tanto a comunidade rural como urbana, respeitando seus valores e diferenciais.

A via do homem do campo, no campo, tornou desafiadora a preservação e conservação dos seus valores, qualidade de vida, manutenção de seus bens e realização pessoal, sem falar da inserção do mesmo para a contribuição tanto profissional, social e pessoal na sociedade, mesmo havendo muito êxodo do homem do campo para a cidade, pois, há maior facilidade do profissionalismo e comodismo, além dos recursos e mordomias.

Na realidade existem diferenças, sim, mas no contexto tem que haver aprimoramento e desempenho para vencê-las, tudo para o caminho de melhor adaptação e enquadramento no meio social que somos inseridos, precisa na verdade vencer o preconceito muitas vezes ainda existente.

2.3. Relação do professor com os conteúdos na escola do campo

A escola contribui para ensinamento de conceitos teóricos para auxiliar aplicação na vida cotidiana, como meio facilitador para empenho a ações e resolução de problemas.

A relação dos conceitos adquiridos, escolhas, experiências, somam, ajudando

a mostrar ao homem do campo que a conservação de seus valores e simplicidade pode ser conservada. Que o aprendizado na soma é uma contribuição para ser equiparada à igualdade social, tanto urbana como rural. Nunca esquecer que os conceitos antigos e muitas vezes considerados como fator essencial a nossa vida, podem ser refeitos e melhor estruturados, pois o conhecimento nos gera opções de escolha.

Para mim, a realidade do campo, tornou um desafio em minha área de trabalho como professora me empenha a aplicar e explicar os conteúdos de uma maneira concreta, muitas vezes visualizando minha vivência e recursos existentes no próprio habitat, valorizando os valores ali existentes, para uma realização pessoal minha.

Fico feliz quando realizo e vejo na prática o resultado de minhas metas, principalmente na Matemática que se apresenta aos educandos como complexa e difícil. Quando mostro a realidade e eles assimilam os novos conhecimentos, sinto realização, motivação e percebo esperança que o homem do campo em suas diferenças ainda luta sempre para ser integrado no meio social com normalidade.

Algumas dificuldades na educação são os planejamentos ditos flexíveis, mas exigidos às vezes na íntegra pelos educadores, dificultando as adaptações, pois institui um conceito pré-ditado programado a serem seguidos, deixando assim a desejar nossa perspectiva de alcançar a cada educando do campo em suas necessidades de uma maneira individual.

Mas podemos fazer a diferença lançando um desafio ao homem do campo, ao educando do campo, dele ser o colaborador, apresentando um diferencial especial, buscado em seu interior para fazer a diferença.

A metodologia não é sugerida e sim estipulada pelas diversas escolas apresentadas que tem um histórico cultural da região agrícola e até urbana, envolvendo todos os educandos nas escolas estaduais e municipais do município. A educação disponibiliza recursos e aprimoramento, mudanças e transformações que facilita o homem do campo a empreender, concluir e ter ações concretas onde reside.

3. Considerações

A presente pesquisa tenta mostrar que com o conhecimento adquirido no processo escolar podemos contribuir para a melhoria da vida no campo, que a realidade pode ser vivida de maneira mais facilitadora, podendo assim tomar decisões seguras dos problemas apresentados no cotidiano.

Na realidade a diferença existe, a discriminação existe muitas vezes a teoria é bela, mas a prática um caos, mas o que as diferencia é como a encaramos ou agimos diante de um planejamento estrutural pré-estabelecido ou de uma vida. Ainda o amor prevalece e faz crescer, uma dosagem dele enriquece e nos faz aprender que vale a pena tentar, investir, acreditar e sonhar com a igualdade em todos os ângulos, pois atingiríamos a normalidade que nos faz aceitar a cada um como é sem ferir o outrem.

Acredito que o professor possa concretizar ainda mais os conteúdos com os fatores geradores do campo, de uma maneira a inserir sua realidade, sendo colaboradores na engrenagem de que quanto mais conhecimento adquirirmos, maior nossa possibilidade de acompanhar o mundo vigente, independente de onde nos localizarmos, seja rural , seja urbano, o importante é acompanhar com desempenho a tecnologia, sendo participativo da sociedade como cidadão.

Há uma esperança de poder avançar, construir referenciais que animem nossos educando e adolescentes a buscar com vontade, com disciplina e aproveitamento o conhecimento e a oportunidade que a escola representa para suas vidas e para a vida das famílias camponesas.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. CNE/MEC, Brasília, 2002.

MACHADO, Ana Francez, JESUS. Cleusa Ana de, FELLI, Creuza Maria, BOB, Isorobete Moreira, BAIA, Maria Ivete Lopes, BRIGAGÃO, Roseli Alves, Cruzeiro do Oeste – **Problemática Atual**, Cruzeiro do Oeste – PR, 2003.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste/Secretaria Municipal de Educação. **Aspectos da População**, p.21 – Lei 118/2008, dez/2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ. Disponível em: <<http://www.cruzeirodoeste.pr.gov.br/historia.php#>>. Acesso em: 10 abril 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRUZEIRO DO OESTE – PARANÁ. Disponível em: <http://www.cruzeirodoeste.pr.gov.br/secretaria_agricultura.php>. Acesso em: 10 abril. 2011

RODRIGUES, Ari, MORETTO, Maria de Lourdes Madrona, RODRIGUES, Maria Helena Bertoco, TOZZO, Neuza, LISIK, Odete Aparecida, Cruzeiro do Oeste – **Origem e Formação**, Editora CDD, 20ª edição, 2000.

RODRIGUES, Imaculada Conceição da Silva, BELIATO, Sidnéia, ZANI, Luiz: **Plano Decenal de educação para todos – 1993 – 2003 – Cruzeiro do Oeste.**